

Da extinção do copidesque ao jornalismo multimídia – como as novas tecnologias transformam o modo de produção jornalística

SILVA, Naiana Rodrigues da. Mestranda em Comunicação pela Universidade Federal do Ceará (CE)

Palavras-chave: mídia impressa, rotina produtiva e novas tecnologias

Há quase 30 anos, o jornalismo impresso brasileiro vem enfrentando transformações motivadas, principalmente, pela introdução de novos recursos tecnológicos na sua rotina produtiva. Da saída de cena das máquinas de escrever ao uso da tecnologia digital, um percurso de adaptações foi trilhado por jornais e jornalistas. Essas mudanças acompanham os desdobramentos dos usos das novas tecnologias pela sociedade e acabam provocando alterações marcantes tanto nos discursos jornalísticos quanto no papel do profissional. Este artigo tem como objetivo situar historicamente a atual fase vivenciada pelos profissionais do jornal cearense Diário do Nordeste que, a partir do uso de um telefone multifuncional, estão adentrando na prática do jornalismo multimídia. Para compreender esse cenário, será resgatado o momento de informatização dos jornais brasileiros, que também representou uma ruptura na prática jornalística e culminou com a reorganização de funções dentro das redações. A partir de uma revisão bibliográfica acerca dessa fase da história recente do jornalismo brasileiro e da emergência das mídias digitais, será possível refletir sobre a feitura e o papel do jornalismo impresso na atualidade.

Introdução

Este artigo tem o objetivo de contextualizar a prática do jornalismo impresso no cenário local, que se encontra em uma fase de transição, caracterizada pelo exercício de iniciativas na área do jornalismo multimídia. A partir do resgate histórico das transformações que o segmento sofreu nos últimos 30 anos, com a informatização dos jornais, será possível avaliar o impacto que a introdução das novas tecnologias estão provocando na rotina do jornal Diário do Nordeste.

Desde março de 2008, está disponível no site do periódico cearense¹ um espaço multimídia onde podem ser acessados vídeos digitais sobre alguns temas da pauta de cobertura diária do jornal. São vídeos produzidos pelos repórteres que realizam matérias para o impresso e que, a partir de agora, acumulam essa nova função (realizadores audiovisuais), e também vídeos de matérias telejornalísticas produzidas pelas emissoras de TV que integram o grupo de comunicação do qual o DN faz parte².

¹ A versão on-line do Diário do Nordeste pode ser acessada em www.diariodonordeste.com.br

² O Sistema Verdes Mares de Comunicação é composto pelo impresso Diário do Nordeste, pelas emissoras de TV Verdes Mares e TV Diário, pelas Rádios AM Verdes Mares e FM 93 e pelo portal Verdes Mares, além de manter uma sucursal do jornal em Brasília e uma emissora de rádio em Recife.

Os repórteres saem às ruas munidos de um celular multifuncional que é utilizado para a realização dos vídeos. Essa dupla função, aliada à introdução de um novo sistema informático, está, aos poucos, alterando a rotina produtiva do jornal e obrigando os profissionais a se adaptarem aos diferentes padrões de trabalho.

Além da revisão bibliográfica sobre a década de 1980 e a informatização das redações – este artigo traz ainda uma breve pesquisa realizada com profissionais que atuam na editoria de Cidade do jornal Diário do Nordeste. A pesquisa foi realizada entre os dias 20 e 27 de julho de 2009 e consistiu na aplicação de um questionário aberto de 12 perguntas (em anexo) submetido a cinco repórteres lotados na referida editoria, que, à época da aplicação do questionário, contava com 10 profissionais.

Apesar de a atividade multimídia ser praticada por repórteres de todas as editorias do jornal, a escolha da editoria de Cidade se deu porque esta é a que apresenta a maior concentração de repórteres e um volume de produção noticiosa intenso.

É certo que o recorte aqui praticado pode não ser suficiente para a formulação de generalizações³, contudo, ele é esclarecedor no sentido de direcionar as reflexões em torno da atuação do jornalismo impresso contemporâneo diante da gradativa popularização de mídias como a internet e do papel do profissional num cenário considerado promissor e, ao mesmo tempo, fatal para o exercício da profissão.

O jornalismo pós-industrial

Hoje, soa como impensável exercer o jornalismo sem ferramentas como sites de busca ou mesmo e-mail institucional. Mais drástico é tentar visualizar a rotina jornalística sem o uso do computador. Por mais distante temporalmente que possa parecer, data de menos de trinta anos a chegada dos computadores e da informatização, de um modo geral, nas redações jornalísticas brasileiras.

Até meados dos anos 80 – no Ceará, até o início dos anos 90 - o barulho do “bater” das teclas nas máquinas de escrever fazia parte do ambiente jornalístico. Cena esta que remete a um tempo romântico, marcado pela defesa de ideais políticos por parte dos profissionais e dos veículos em que atuavam e também de certo “amadorismo” da profissão, ou melhor, da ausência de regras, normas ou padrões de comportamento

³ Essa questão será aprofundada na dissertação da autora, cujo título é: *Jornal sem papel: uma análise do impacto da produção multimídia no jornalismo impresso – um estudo de caso do jornal Diário do Nordeste*, que se encontra em fase de elaboração. A pesquisa realizada para este artigo é somente um ensaio de uma investigação maior e mais densa que deverá ser realizada para a construção da dissertação.

rígidos. Era o tempo do jornalismo por vocação⁴, das rotativas barulhentas e das madrugadas em claro gastas na confecção da reportagem perfeita.

Cenário este que foi seriamente modificado com a introdução das novas tecnologias na rotina produtiva do jornalismo. A substituição da máquina de datilografar pelo computador representa mais que uma mera troca de equipamento. Ela marca a emergência de um novo padrão jornalístico. A informatização das redações e o *modus operandi* introduzido por elas minaram com os resquícios do jornalismo idealista, deixaram sua face industrial à mostra, destruindo assim o último refúgio da “aura” da profissão.

Durante muito tempo, o jornalismo foi considerado uma atividade intelectual superior, portanto, a especialização e o maior controle da produção motivados pela organização industrial acabaram por fazer dele um negócio, uma empresa, o que não diminui sua importância social, mas abala o status da profissão.

O jornalista Carlos Eduardo Lins da Silva (2005) concorda com esse ponto de vista observando que a informatização destituiu o jornalista de sua aura intelectual e criativa, fazendo dele uma engrenagem no modo de produção. O profissional teve que se adaptar ao dinamismo – um inimigo da digressão e da perfeição – e às novas regras para a redação de textos e ordenamento dos elementos informativos, que passaram a exigir mais o domínio de técnicas do que a inventividade (2005, p. 45).

É preciso reconhecer também que o incremento da produção jornalística teve como resultado direto a maior circulação de notícias que, a partir do uso das novas tecnologias, passam a percorrer maiores distâncias em menor tempo e atingir um público cada vez maior. Como observa o jornalista Ethevaldo Siqueira (1982), o acesso à informação está na base das sociedades democráticas, portanto, o jornalismo deve ser orientado no sentido de oferecer mais notícias a um maior número de cidadãos. “Fazer com que todos os cidadãos, ou a maior parte dos cidadãos tenham acesso às informações. Isto é fundamental. Não vai haver democracia se houver uma oligarquia capaz de controlar a informação” (apud SINDICATO DOS JORNALISTAS PROFISSIONAIS DO ESTADO DE SÃO PAULO, 1982, p. 32).

O caráter artesanal da imprensa perdurou até meados do século XIX. Os jornais produzidos durante esse período eram partidários e reproduziam o pensamento político

⁴ O jornalista e escritor norte-americano Gay Talese, em entrevista concedida ao programa Roda Vida (TV Cultura), no dia 20 de julho, defendeu a tese de que o jornalismo ainda hoje é uma profissão que só deve ser exercida por aqueles que demonstram vocação e paixão pelo exercício profissional.

de seus idealizadores ou dos grupos que os mantinham. Conforme Nelson Werneck Sodré (1983), o jornalismo no século XVIII era uma atividade solitária, irregular e até mesmo insegura, pois não havia verbas para a feitura dos jornais, o que implicava em uma periodicidade inconstante e na dedicação de homens que tinham como principal característica o domínio das letras.

Apesar disso, o autor observa que o jornalismo sempre esteve atrelado ao modo de produção econômico. Contudo, a atividade só deixará de ser um produto do “espírito” para se tornar notadamente uma mercadoria simbólica quando os jornais revestem-se do caráter empresarial, investem na veiculação de anúncios publicitários para obter renda e adotam equipamentos tecnológicos que dinamizam a produção.

Os Estados Unidos são o primeiro país a desvencilhar a imprensa do partidarismo e do controle do Estado. O jornal *Sun* – pertencente a Benjamin Day - por exemplo, abandona o partidarismo em prol de temas mais próximos das paixões humanas. O resultado foi que, em quatro anos, o jornal atingiu uma tiragem de 30 mil exemplares e teve que dobrar de tamanho para acomodar os anúncios que só cresciam.

É nesse momento em que as agências de publicidade começam a se organizar e o suporte financeiro dado pelos anúncios estabiliza a periodicidade dos jornais. Com recursos financeiros, novas máquinas são introduzidas, as tiragens aumentam e o custo dos exemplares diminui (SODRÉ, 1983, pp. 05 – 06). Essas características fazem com que o jornalismo abandone de vez sua feição artesanal e adote a lógica industrial.

No Brasil, de acordo com Sodré, o caráter doutrinário e também artesanal da imprensa perdura até o surgimento dos primeiros grandes grupos jornalísticos, que se deu no período republicano. A organização dos jornais em empresas aconteceu gradativamente, com o surgimento de jornais com orientações políticas diversas, com as reformas editoriais dos já existentes e o incremento das tecnologias de produção que proporcionaram a impressão em cores, o uso de fotografias e fotogravuras e também a cobertura de fatos para além da sede geográfica do jornal, graças ao uso do telégrafo (SODRÉ, 1983, pp. 265, 266 e 267).

De acordo com o autor, um dos primeiros jornais brasileiros a surgir já sob a forma de empresa foi a *Folha de São Paulo*, fundada em 1921, ainda sob o título de *Folha da Noite* (idem, p. 409). Jornal que este que também será um dos pioneiros na introdução das novas tecnologias em sua rotina produtiva, a partir dos anos de 1978, e protagonizará um momento referencial da história do jornalismo brasileiro no século

XX, com a implantação de um projeto editorial que se tornou modelo para outros veículos de comunicação em todo o país.

A jornalista e pesquisadora Ruth Penha Alves Vianna (1992) observa que o período de informatização das redações jornalísticas coincide com a vivência de uma fase pós-industrial, caracterizada, sobretudo, pelo uso de novas tecnologias no cotidiano da produção industrial.

Segundo os estudiosos, “é a chamada revolução pós-industrial. Esta é provocada por uma série de fatores culturais, sociais, econômicos, científicos e tecnológicos, sendo que os últimos emergem como força propulsora. Toda tecnologia está envolvida, mas somente uma se impõe: aquela relativa à *criação, compilação, elaboração e difusão* de informação” (GIOVANNI apud VIANNA, 1992, p. 15).

Mesmo já inserido em uma lógica mercantil, o jornalismo foi sensivelmente abalado pelas transformações advindas com a pós-industrialização, sobretudo, porque ela impôs uma nova organização da profissão, que teve como consequência o desaparecimento de cargos e funções dentro das redações. Ruth Vianna, ao narrar o processo de informatização na *Folha de São Paulo*, destaca que inúmeros cargos foram extintos com o uso dos computadores:

Antes da chegada dos terminais de vídeo nas redações, a *Folha* contava com cem datilógrafas, dois engenheiros eletrônicos, quatro técnicos, 95 pestapistas, 56 fotocompositores e 102 revisores. Com o uso efetivo dos terminais de vídeo, a revisão foi extinta por completo, e as datilógrafas transferidas para a digitação. O próximo setor a desaparecer seria o de arte-final (1992, p. 32).

Por conta disso, os computadores passaram a simbolizar tanto a ameaça dos empregos na área, quanto a prática de um jornalismo que se afasta definitivamente do tom panfletário e adota um discurso noticioso mais enxuto e objetivo, temperado com o uso excessivo de cores, imagens e gráficos e levado a público cada vez mais cedo, por conta do aumento no volume de impressões e da aceleração das impressões.

A redução do tempo entre o fechamento do jornal e sua distribuição foi o maior ganho apontado pelos grandes veículos nacionais com a informatização. O jornal *O Estado de São Paulo*, por exemplo, diminuiu de duas horas para meia hora o tempo entre o fechamento do jornal e a saída dos caminhões para a distribuição dos exemplares (VIANNA, 1992, p. 53).

Conforme o repórter e fotógrafo, especialista em diagramação, Ivan Yasbeck, a informatização das redações brasileiras começou como um processo lento – no O

Globo, por exemplo, demorou 10 anos - mas que ganhou um ritmo acelerado na última década do século XX, acompanhando as transformações tecnológicas que já estavam em andamento em outros segmentos industriais.

Cada avanço tecnológico na indústria significa adaptação da redação aos novos sistemas, sabendo-se que é essencial o acasalamento entre as duas áreas, cujos maiores efeitos serão – pela ordem – jornal rodando na hora, sem falhas técnicas, nem material desperdiçado, de modo que o fluxo montagem/pré-impressão/impressão/transporte/distribuição faça chegar aos leitores, pontualmente, diariamente, um produto industrial de acabamento impecável, reproduzindo fielmente o material jornalístico, para o bem da empresa como um todo (YASBEK apud CALDAS, 2002, p. 116).

Se a informatização foi responsável por uma verdadeira revolução, nas palavras de Vianna e Yasbek, no jornalismo brasileiro, a entrada em cena das tecnologias digitais, a prática do jornalismo multimídia e o uso de softwares cada vez mais sofisticados para a edição das reportagens abala novamente as estruturas não só dos jornais, mas de todas as mídias informativas.

Conforme o professor José Marques de Melo (2003), a transição entre os séculos XX e XXI impôs uma série de desafios à imprensa nacional, que se viu obrigada a exercitar mudanças morfológicas para garantir espaço e público diante das mídias digitais (p. 211). As alterações adotadas pelos jornais tendem a diminuir o espaço dos textos para valorizar outras modalidades informativas, como os infográficos e as ilustrações. As fotografias também são notadamente beneficiadas com o novo *layout* dos periódicos, que passa a privilegiar os códigos icônicos em detrimento do código lingüístico (MELO, 2003, p. 212).

Se nos anos de 1980 e 1990, valorizou-se a visualidade das informações para atender aos anseios de uma geração que nasceu com a televisão, hoje, o desafio dos jornais é atrair a atenção de um público que cresce em paralelo com a internet. O Diário do Nordeste tenta se adequar a esse novo cenário da comunicação midiática através do exercício do jornalismo multimídia. Esgotados os recursos informativos dispostos na página impressa (texto, fotos, gráficos, ilustrações, quadros etc.), o jornal encaminha o leitor para a internet, onde encontrará mais um modalidade informativa: o vídeo.

A pesquisadora suíça Esther Appelgren (2005), em um estudo sobre a influência da convergência midiática nas estratégias de produção dos jornais, definiu sete modelos de convergência praticadas pelos veículos na atualidade: “convergence of devices, convergence of network, convergence of services, market convergence, newsroom

convergence, convergence of content e experience and behavioural convergence” (2005, p. 43).

Das categorias propostas pela autora, a produção multimídia do Diário do Nordeste pode ser enquadrada em duas delas: convergência de serviços, que corresponde ao fato do veículo, habituado à produção de conteúdos impressos, oferecer também conteúdos audiovisuais, e convergência de conteúdos, que se manifesta quando o jornal publica o mesmo conteúdo do impresso no meio eletrônico. Appelgren observa que os jornais estão lançando mão dessas estratégias para agregar mais valor aos seus produtos e assim manterem suas posições em um mercado onde a venda de jornais entra em declínio gradativamente.

Da página em branco à tela em branco

O processo de informatização das redações gerou mudanças em todos os níveis da produção jornalística. Até mesmo a arquitetura física das redações teve que se adequar à chegada dos computadores. No entanto, a maior e mais polêmica adaptação foi a dos profissionais, que se viram submetidos a um novo modo de trabalho e, ao mesmo tempo, temerosos de que as máquinas, extensões do cérebro humano, como diria Marshall McLuhan⁵, pudessem substituí-los.

Com essa transformação, que a revolução trazida pela informática acentuou poderosamente, a Redação perdeu boa parte de seu charme e poder. Funções foram extintas, atividades reagrupadas e redefinidas, o tempo da notícia mudou. O velho *copy* morreu (...) o diagramador vai sendo eliminado, o repórter se desdobra em três ou quatro, podendo chegar ao infamante provedor de conteúdo, editores e subs desmembram-se em pauteiros, fechadores (CALDAS, 2002, p. 14).

Álvaro Caldas relata as transformações pelas quais os jornais passaram com a informatização com um tom saudosista e de desaprovação, sentimentos estes que dominaram uma parcela significativa dos profissionais que vivenciaram essa fase, justificados pelo modo de aplicação das mudanças. Como observa Ruth Vianna, a *Tribuna*, periódico da cidade de Santos, por exemplo, baseou a informatização no discurso da economia, não só de tempo e gastos industriais, como fizeram os outros jornais, mas, claramente, de mão-de-obra (1992, pp. 69-70). Octávio Frias de Oliveira Filho, diretor da *Folha de São Paulo* à época, foi um dos que também admitiu o plano de

⁵ MACLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix, 2007. 15 reimpressão.

diminuir o número de jornalistas dos quadros da instituição em troca de uma política salarial mais generosa, porém que implicava também em uma cobrança maior dos profissionais. (SILVA, 2005, p. 116).

A *Folha* promoveu demissões em massa que abalaram o mercado ao longo de toda uma década. “Em 1984, pediram demissão ou foram demitidos 116 jornalistas; em 1985, 142; e em 1986, 187; nos dois primeiros meses de 1987, foram 29; num total de 474 em mil dias, o que dá a média de uma pessoa deixando a Redação da *Folha* a cada 2,1 dias” (SILVA, 2005, p. 192)⁶. A reorganização dos cargos e funções dentro das redações foi praticamente inevitável. No jornal *O Estado de São Paulo*, em 1991, toda a redação estava informatizada e os setores de revisão, digitação e peistape deixaram de existir (VIANNA, 1992, p. 132). Enquanto isso, no jornal *NH*, de Novo Hamburgo, a informatização não representou o desemprego tecnológico, pois os profissionais das áreas mais atingidas foram remanejados para outras funções dentro da redação ou da própria empresa (idem, p. 109).

Conforme observa Ruth Vianna, o descontentamento de muitos profissionais com a informatização se deveu porque eles foram obrigados e cobrados a se aperfeiçoarem e não obtiveram nenhum incentivo salarial. “A habilidade para manipular o computador deve ser conseguida a qualquer custo, uma condição especial para a manutenção do emprego” (VIANNA, 1992, p. 131).

A informatização causou tamanha polêmica no mercado jornalístico que o Sindicato dos Jornalistas no Estado de São Paulo organizou um seminário para discutir não só a introdução do computador no cotidiano da produção de notícias, mas o significado da sociedade da informação, a política nacional de informática e o futuro da profissão com o novo cenário que estava se delineando.

O resultado dos seis dias de discussões, que contaram com a colaboração de profissionais de diversas áreas, foi uma publicação intitulada *Que é isso, computador?* (1982), cuja leitura possibilita a compreensão de como a categoria se posicionou diante da enxurrada de transformações que se processavam à época, mas que não eram exclusivas do setor do jornalismo e atingiam profissionais de outros segmentos também.

⁶ É importante ressaltar que os números apresentados por Carlos Eduardo Lins da Silva (2005) referem-se ao período de implantação do projeto de modernização do jornal, cujas variáveis que levaram às demissões não se restringem somente à informatização, mas também à falta de concordância dos jornalistas com as novas medidas impostas pelo *Projeto Folha*.

A pesquisa realizada por Ruth Vianna, junto aos jornalistas que trabalhavam nos grandes jornais brasileiros durante a fase de informatização, revelou ainda a prevalência de dois posicionamentos: otimismo e falta de perspectiva. Para os otimistas, a chegada dos computadores foi tida como um sinal de modernização e dinamismo para a profissão. Já para os profissionais sem perspectivas ou fatalistas, a informatização não implicaria em uma ascensão profissional futura, pois não ampliaria as chances de construir uma carreira dentro do veículo, pelo contrário, na opinião desse grupo, a informática iria provocar o desemprego daqueles que não conseguissem se adequar a ela, dados os fatos já observados de desemprego praticamente em massa em vários periódicos (VIANNA, 1992, pp. 136).

O fato é que a fase de introdução de terminais de vídeo nas redações, da troca das rotativas por impressoras, da exploração dos recursos visuais em detrimento dos textos e da adequação dos profissionais a uma nova ferramenta de trabalho pode ser tomada como parâmetro para a compreensão de como os profissionais estão lidando na atualidade com o uso das novas tecnologias na rotina de produção.

O impacto da tecnologia nas redações, no presente, pode até ser mais sutil, diante do que aconteceu no momento da chegada dos computadores, mas existe e se manifesta nos conteúdos realizados por esses profissionais. Seria, no mínimo, ingenuidade acreditar que submeter um repórter à realização de outra tarefa a partir do uso de um celular multifuncional não teria implicações no cotidiano de sua produção. Algumas delas serão expostas a partir de agora.

O impacto da produção de multimídia no Diário do Nordeste

A produção de vídeos digitais para alimentar o conteúdo multimídia do DN por parte dos repórteres do impresso é considerada um projeto experimental pela direção do jornal⁷. Dessa forma, todos os dias, um ou dois repórteres utilizam o aparelho para gravar vídeos durante a cobertura dos fatos. Cada repórter da editoria de Cidade recebe, no máximo, duas pautas para serem realizadas fora da redação, a depender da demanda do dia. Nas ruas, além de apurar as informações para redigir a matéria que será veiculada no impresso, os repórteres precisam ainda registrar uma entrevista ou cenas que possam ser

⁷ Foi essa a definição dada pelo diretor-editor do jornal, Ildefonso Rodrigues, em conversa com a autora deste artigo em virtude do seu desligamento dos quadros da redação para o ingresso no Mestrado em Comunicação, em janeiro de 2009.

postadas no site do periódico, junto com a fotografia matéria escrita que são transpostas para o meio eletrônico.

Graças à portabilidade tecnológica, um único aparelho concentra as funções de gravação de voz e imagens e pode ser usado, assim, para o registro de fatos jornalísticos, contudo, como ele não tem o serviço de comunicação telefônica ativado, acaba se convertendo em mais um objeto a ser carregado pelo repórter que já costuma portar um celular pessoal e um celular institucional (para a comunicação entre os repórteres de rua e a redação). Dentre os profissionais entrevistados, todos apontaram o fato de carregar mais um aparelho celular como um dos problemas da nova tarefa que lhes foi atribuída. “O celular que a gente usa é grande e atrapalha pra carregar. Saímos com três aparelhos, fora que é caro e temos medo de sermos assaltados” (REPÓRTER 1⁸, 2009).

Além disso, os repórteres se ressentem de não terem recebido nenhum tipo de treinamento para a produção dos vídeos, apenas instruções básicas para manuseio do aparelho e nenhuma orientação que tratasse da linguagem audiovisual ou apresentasse os objetivos dessa nova forma de comunicação.

Na verdade, acho os vídeos importantes demais dentro desse processo de comunicação que a gente vive agora, para tão pouco cuidado com o mesmo. Acho que o treinamento deveria ser bem específico, inclusive, falando da linguagem das imagens. Não ficar só esperando que a experiência do impresso funcione para a gente dominar todas as técnicas. Isso não é tolice. Às vezes, a impressão que me dá é que há um descompasso com a relevância dessa iniciativa dentro dos atuais processos de comunicação e a maneira como a iniciativa é tratada dentro do veículo de comunicação onde trabalho (REPÓRTER 2, 2009).

A ausência de treinamento aliada à falta de remuneração acabaram por circunscrever a produção dos vídeos digitais ao status de atividade amadora. Apesar de quatro dos cinco repórteres entrevistados já terem produzido algum tipo de vídeo digital anteriormente - em caráter amador - as condições de produção não permitem que o vídeo tenha uma qualidade estética melhor. Isso resulta em imagens tremidas, sem variação de planos, gravações em contra-luz⁹, ruídos ambientes, etc. “Se a idéia fosse mais levada a sério, deveria ter tido um repasse de informações mais complexo, inclusive com sugestões de uso dos vários recursos que o aparelho oferecesse, como um simples zoom ou aplicação simples de técnicas de edição” (REPÓRTER 5, 2009).

⁸ A identidade dos profissionais entrevistados será preservada para evitar qualquer tipo de constrangimento ou retaliação por parte da empresa jornalística.

⁹ Contra-luz é uma regra básica, seja da fotografia ou do audiovisual. Ocorre quando se grava uma imagem no lado oposto à fonte de luz (sol), o que faz com que as imagens fiquem escuras e os objetos ou cenas quase imperceptíveis. O contra-luz pode ser um recurso estético, quando bem manipulado, ou uma falha grosseira.

Na opinião de todos os entrevistados, a atividade só deixará de ser amadora quando o jornal oferecer um treinamento que abranja a linguagem audiovisual e passe a conceder uma remuneração complementar, pois assim, os repórteres irão colocar os vídeos em um mesmo patamar de importância que a matéria para o impresso, hoje priorizada em detrimento da realização do conteúdo audiovisual. “Acho que deveria receber um complemento salarial, pois se trata de uma tarefa adicional, que além de não estar prevista no contrato de trabalho, demanda tempo e disposição” (REPÓRTER 3, 2009).

As declarações dos jornalistas do DN deixam entrever que o descontentamento com a remuneração salarial é um problema histórico da categoria e que a introdução das novas tecnologias no cotidiano das redações continua a ser feita à revelia dos jornalistas, pois não são apresentadas previamente ou discutidas, mas impostas aos profissionais, da mesma forma como aconteceu com a informatização nos anos de 1980 e 1990. A comparação entre esses dois momentos nos revela também que o uso das novas tecnologias está sempre associado à economia de mão-de-obra. A diferença reside no fato de que, há 30 anos, enquanto a chegada dos computadores motivou demissões, hoje, a prática do jornalismo multimídia implica em acúmulo de funções para o repórter.

A ausência de um incentivo salarial, da definição clara dos objetivos da multimídia e do volume de atividades que os repórteres precisam realizar quando estão em campo (as duas pautas e um vídeo, no mínimo, para cada um delas) repercutem na qualidade das gravações, no papel informativo dos vídeos ou mesmo na falta de empatia com a realização dos mesmos por parte dos profissionais. Para os repórteres entrevistados, os vídeos têm um potencial informativo latente, contudo, da maneira como são realizados, acabam se tornando redundantes.

“Por serem amadores, às vezes, confusos, os vídeos podem acabar não informando tanto os leitores ou internautas” (REPÓRTER 4, 2009). “São mais redundantes do que inovadores em termos de informação” (REPÓRTER 5, 2009). “Considero que os vídeos trazem uma informação a mais à notícia que está no site, porque por mais que repita o que está no texto ou na imagem da foto, é o produto de outra mídia anexado às demais informações” (REPÓRTER 2, 2009). Apesar de apostarem no potencial informativo dos vídeos digitais, todos os jornalistas do grupo pesquisado declararam não assistir ao conteúdo multimídia que produzem.

A razão do desinteresse pela multimídia, segundo os entrevistados, se dá pelas dificuldades tecnológicas: “Na verdade, acho que alguém só abre os vídeos se eles

mostrarem um flagrante, como um acidente ou briga. Perder tempo esperando que carregue, com uma internet nem sempre rápida, pra ver o secretário de saúde dizendo o que já está na matéria, é dispensável” (REPÓRTER 1, 2009). “Geralmente não assisto nem os meus nem os de ninguém. No site do jornal, acessado no próprio DN, não tem como vê-los. Os computadores são antigos e não estão preparados para desempenhar esta função (REPÓRTER 3, 2009).

Em relação à satisfação com a nova tarefa, apenas dois jornalistas declararam “gostar” de realizar os vídeos, os outros, se tivessem escolha, prefeririam não fazer as gravações. “Não gosto. Acho que atrapalha a produção do texto, pois é acúmulo de funções. Se pudesse escolher, preferiria não fazer” (REPÓRTER 5, 2009). Esse posicionamento denota certa resistência às mudanças na rotina produtiva, que, até o momento, não causaram tanto incômodo como se deu com a chegada dos computadores às redações nas décadas passadas.

Contudo, não se pode dizer que a resistência seja somente à tecnologia, mas sim a todo um modelo de comunicação que começa a ser exercitado dentro da redação do jornal e entra em choque direto com as práticas já consolidadas do jornalismo impresso. “Na medida em que priorizamos o vídeo, o entrevistado se cansa e repassa menos informação. E ainda perdemos tempo, concentração, para o que é nosso verdadeiro papel, que é a matéria impressa” (REPÓRTER 3, 2009). A postura de priorizar a matéria escrita em detrimento dos vídeos indica que estes profissionais ainda não compactuam com a cultura da integração jornalística, nas palavras do professor espanhol Ramón Salaverría (2009), para quem a integração (convergência midiática) só será uma realidade nas redações quando estiver instaurada uma nova cultura jornalística nesses ambientes¹⁰.

Jornalistas como Ethevaldo Siqueira acreditavam que o futuro da profissão estava na especialização em temas de cobertura (1982, p. 25). Salaverría aponta que, na atualidade, a tendência é que os jornalistas se “hiperespecializem”, exercitando o que ele chama de “polivalência midiática”. Para o autor espanhol, os jornalistas irão se especializar na cobertura de um tema específico, mas que pode ser veiculado em diferentes mídias. Dessa forma, o profissional midiaticamente polivalente precisa

¹⁰ O autor explora essa ideia em uma entrevista em vídeo para o site do jornal Diário de Barcelona, disponível na home page de seu mais recente trabalho “Periodismo Integrado: convergencia de médios e reorganización de redacciones” (<http://www.periodismointegrado.com>). Acessado em 29 de julho de 2009.

dominar várias linguagens midiáticas, mas somente um único tema de conhecimento (SALAVERRÍA, 2009).

José Marques de Melo reconhece um fenômeno semelhante na imprensa brasileira. “A outra convergência, muito importante na sociedade brasileira, é a convergência profissional. Estamos num cenário em que a questão das profissões está sendo revista e ajustada. Há uma convergência evidente entre quatro grupos profissionais” (MELO, 2003, p. 154). Os grupos profissionais de quem o autor trata são: os midiastas (jornalistas, radialistas, publicitários, escritores e etc.), os informatas (bibliotecários, documentalistas, analistas de informações, etc.), telecomunicadores (engenheiros de informação, designers eletrônicos, etc.) e os mercadólogos (estrategistas de marketing, promotores de venda, pesquisadores de mercado, etc.) (idem, p. 155).

Para o professor brasileiro, os midiastas, grupo no qual podemos incluir os repórteres do DN, estão ainda muito presos às mídias tradicionais, portanto, perdem espaço para os informatas, que estão se convertendo nos produtores de conteúdos para a internet. A postura dos jornalistas do DN diante da multimídia confirma a hipótese do autor. Os repórteres do jornal cearense ainda não alcançaram o status definido por Salaverría, de “jornalistas midiaticamente polivalentes”. Somente dois profissionais do grupo pesquisado consideraram-se repórteres multimídia: “Por imposição, sim. Nossos textos são reproduzidos em programas de rádio, site do jornal e até em programas de televisão do Grupo¹¹ (REPÓRTER 1, 2009). “Sim. Porque sou obrigada a dominar uma série de funções e serviços que, muitas vezes, não tenho uma prévia noção de como funcionam” (REPÓRTER 4, 2009). Vale destacar que os referidos repórteres têm menos de 30 anos de idade e, dentre os pesquisados, são os que se encontram há menos tempo no jornal, apesar de um deles ter sete anos de experiência no veículo.

A noção de multimídia contida na fala dos dois profissionais se encaixa com as estratégias de convergência definidas por Esther Applegren. A definição do repórter 1 remete à convergência de conteúdos, enquanto a do repórter 4 refere-se à convergência de serviços. De certa forma, esses profissionais conseguem identificar as mudanças que estão em curso no cenário contemporâneo de convergência midiática e como estas se manifestam no cotidiano da profissão, enquanto, o restante do grupo ainda está preso aos padrões das mídias tradicionais o que implica em resistência que, se aprofundada,

¹¹ Grupo Edson Queiroz, conglomerado econômico no qual está inserido o Sistema Verdes Mares de Comunicação.

pode levar a uma inadequação dos profissionais ao novo papel do jornalista, o que poderá ter como consequência um programa de demissões.

Conclusões

Se a informatização das redações levou à extinção dos cargos de revisores, fotocompositores e copidesques, a entrada em cena da tecnologia digital, a prática do jornalismo multimídia e o uso de softwares que facilitam ainda mais a edição e diagramação dos conteúdos noticiosos podem provocar uma nova reorganização do modo de trabalho dentro das redações.

A prática do jornalismo multimídia pelo Diário do Nordeste é um exemplo de como o impresso está reagindo às intempéries do estágio em que se encontra a sociedade da informação. Contudo, a resistência que os profissionais demonstram diante da nova atividade e o estatuto de amadorismo atribuído a ela acaba por, na opinião dos profissionais, comprometer o potencial informativo dos vídeos digitais¹².

Há um descompasso visível entre o projeto pensado pela direção do jornal e a execução da atividade multimidiática por parte dos profissionais, provocado pelo tom experimental com que a função é encarada dentro do veículo. Contudo, há mais de um ano em desenvolvimento, a experiência já pode ser avaliada por gestores e profissionais e um padrão de trabalho pode ser estabelecido, envolvendo não só treinamentos e incentivo salarial, mas, sobretudo, discussões que problematizem o papel do profissional na atualidade e do próprio jornalismo impresso, fomentando assim a construção de uma cultura de convergência ou integração midiática na redação. Dessa forma, os jornalistas se sentirão mais confortáveis não só para realizar os vídeos digitais, mas, sobretudo, para articular as diversas ferramentas noticiosas que estão ao seu alcance e assim oferecer conteúdos mais completos e atraentes para os leitores.

Referências Bibliográficas

APPELGREN, Esther. **The influence of media convergence on strategies in newspaper production**. Tese de doutorado defendida na KTH, em Estocolmo, Suécia, 2005, p. 41-51.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. São Paulo, Contexto, 2006.

¹² Por outro lado, a estética amadora dos vídeos digitais pode ser compreendida como um reforço da credibilidade, uma autenticação do discurso jornalístico do veículo, de acordo com Patrick Charaudeau (2006). Dessa forma, os vídeos do DN têm um papel auxiliar, de produção de efeitos de verdade e não se arrogam a pretensão de serem relatos informativos completos em significado.

- CALDAS, Álvaro (org.). **Deu no jornal** – o jornalismo impresso na era digital. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- MELO, José Marques de. **Jornalismo Brasileiro**. Porto Alegre: Sulina, 2003.
- SALAVERRÍA, Ramón. Periodismo integrado: convergência de medios y reorganización de redacciones In **Periodismo Integrado**. Disponível em <http://www.periodismointegrado.com>. Acessado em 29 de julho de 2009.
- SILVA, Carlos Eduardo Lins da. **Mil Dias: Seis mil dias depois**. São Paulo: Publifolha. 2. ed, 2005.
- SINDICATO DOS JORNALISTAS PROFISSIONAIS NO ESTADO DE SÃO PAULO. **Que é isso, computador?** São Paulo: Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo, 1982.
- SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Martins Fontes, 1983.
- VIANNA, Ruth Penha Alves. **Informatização da Imprensa Brasileira**. São Paulo: Loyola, 1992.
- YASBEK, Ivan. A Era das Cores. In CALDAS, Álvaro (org). **Deu no jornal** – o jornalismo impresso na era digital. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

Anexo

Questionário sobre a prática do jornalismo multimídia no Diário do Nordeste

- 1 – Há quanto tempo você trabalha no DN? Desde quando na editoria de Cidade?
- 2 – Como você avalia a produção multimídia do jornal? Você acha que os vídeos acrescentam uma nova informação ao relato impresso e à foto ou eles se tornam redundantes?
- 3 – Você gosta de produzir o conteúdo multimídia? Se gosta, por quê? Se tivesse escolha, preferiria não fazer?
- 4 – A realização dos vídeos compromete, de alguma forma, a apuração para a redação da matéria impressa?
- 5 – De que maneira a sua rotina de trabalho foi modificada com a atribuição desta nova tarefa? Você leva mais tempo para apurar os fatos? Você recebe menos pautas? Você precisa ficar mais tempo no jornal para concluir o seu trabalho?
- 6 – Foi dado algum tipo de treinamento para manusear o celular ou alguma orientação em relação à gravação dos vídeos? Você considera o treinamento importante, essencial ou desnecessário?
- 7 – Foi realizada alguma apresentação formal dessa nova função (gravação de vídeos) para os repórteres?
- 8 - Você já tinha realizado algum vídeo digital antes, seja de forma profissional ou amadora?
- 9 - Você tem o hábito de assistir ao conteúdo multimídia disponibilizado no site do jornal? Você assiste aos vídeos que produz? Àqueles produzidos por seus colegas? Ou ao material que vem das emissoras de televisão que compõem o SVM?
- 10 – A realização dos vídeos acrescentou algum conhecimento novo e importante para a sua profissão? Isso afetou a qualidade do seu texto? Como?
- 11 – Você recebe algum complemento salarial por desempenhar essa nova tarefa? Se não, acha que deveria receber? Por quê?
- 12 – Você se considera um repórter multimídia? Por quê?